

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

C. M. B.
BIBLIOTECA

Número avulso

AVENAÇA
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P. GEMENTO ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Apoutamentos históricos

Convento de S. Salvador de Vilar

III

(Pelo Dr. António Ferraz).

(Continuação do numero 34)

Quatro anos depois do arcebispo de Braga baver dado ao Rv. João Vicente a abadia de S. Salvador de Vilar, onde, como dissemos, se inatolou, em corminmidade religiosa, com os referidos seus companheiros, foi o famoso médico convidaado por el rei D. João I para juntamente com o seu amigo Dr. Martins Lourenço, acompanhar a Borgonha a infanta D. Izabal, que ia concorciar-se com Filipe II, o Bom, duque de Borgonha e conde de Flandrez.

Ao mesmo tempo que a Armada real saía do Tejo para a Itália, outro companheiro do Dr. João Vicente o Dr. Afonso Nogueira.

Celebrado o casamento na cidade de Bruges em 10 de Janeiro de 1430, com rara e extraordinária magnificência, instituído o duque n'esse dia a insigne ordem do *Tosão d'ouro* para assim perpetuar a data do seu auspicioso enlace, partiram João Vicente e Martins Lourenço pouco depois para Roma, afim de ali tratar do estabelecimento definitivo da sua congregação.

Presidia então á curia romana o Cardinal de S. Clemente, Gabriel Condulmero, a quem os dois padres portuguezes se apresentaram com algumas cartas de recomendação, sendo affectuosamente recebidos, mormente quando lhe fizeram saber que o seu intento era instituir em Portugal a congregação de S. Jorge *in Alga*, que ele cardinal havia fundado pouco tempo antes (1404), em Alga, pequena ilha do mar Adriatico, a duas milhas da cidade de Veneza, sua patria, com Antonio Coraccio, ambos sobrinhos do pontífice Gregorio XII.

Apresentados em seguida ao papa Martinho V, já favoravelmente disposto no sentido da pretensão do Dr. João Vicente e seu companheiro, prometeu-lhes deferir o seu requerimento, e lavra o breve da confirmação da ordem logo que de Portugal recebesse as informações que ia pedir ao bispo de Viseu e a frei Pedro de Olmedo, provincial da ordem de S. Jeronimo.

Partiu imediatamente de Roma para S. Salvador de Vilar o Dr. Martins Lourenço, trasendo a boa Nova do feliz exito das negociações, o que muito alegrou os seus companheiros, ficando ainda n'aquella cidade o Dr. João Vicente por ter pendentes da curia certos negocios que desejava ultimar.

Deu-se então um acontecimento que, podendo contrariar os bons desejos dos padres de Vilar, veio, pelo contrario, favorecel-os.

Foi o falecimento do papa Martinho V, em 20 de Janeiro de 1431.

Quiz, porém, a Providência que o pontífice eleito fosse o proprio Cardinal de S. Clemente, que, em 3 de Março d'aquelle ano, subiu ao solio pontificio com o nome de Eugenio IV.

Tanto bastou para que o Dr. João Vicente não só visse realisadas todas as suas aspirações, mas fosse acumulado de favores de toda a ordem pelo seu amigo e protector,

Por este tempo e depois de demorada viagem pela Itália, regressava á Abadia de Vilar o D. Afonso Nogueira, que tendo visitado em Veneza a congregação de S. João d'Alga, com que muito sympathisou, trouxe consigo os seus estatutos ou constituições e o habito de que usavam os conegos seculares de S. Jorge.

De tal modo gostaram os seus companheiros de Vilar do instituto, e do habito azul—caeste da ordem, que immediatamente escreveram para Roma ao seu superior e prelado, pedindo-lhe instantemente que solicitasse do papa a regra e o habito dos conegados d'Alga, ao que o Dr. João Vicente, por ser esse tambem o seu desejo, facilmente aquiesceu, conseguindo que Eugenio IV expedisse um breve confirmando a congregação de Vilar com o titulo de *Conegos seculares de S. Salvador de Vilar* e conferindo-lhes o mesmo habito, a mesma regra e as mesmas graças, privilégios e indulgencias dos Congregados de S. Jorge e, para cumulo de gentileza isentando-os da jurisdicção de Braga, como immediatos á Santa Sé.

(Continua)

Fra Casil.



Nossa Senhora da Franqueira

BOCADINHOS INTERESSANTES

(Transcrição)

Tratado Panegyrico em louvor da Vila de Barcelos

—(1672)—

(Do Padre frei Pedro Poyares)

Cap. XVII

O Prior de Barcellos, quando não tenha Dom pela dignidade, tem Dom por comprimento de Escrivães?

Do Dom falla a Ordenação de Portugal, no livro 5. tit. 92. §. 7. He o Dom hum titulo, & apellido de honra; com este titulo authoriza a Igreja ao Summo Pontífice na Ladainha, chamandole Senhor Papa: *Vt Dominum Apostolicum, & omnes Ecclesiasticos ordines in Sancta Religione conservare digneres, etc.*

Chamase o Papa, *Domous*, & não *Dominus*, porque, supposto que na terra pode muito, todo o seu poder a respeito do poder de Deus, he muito limitado, como notou Graffius em suas decisoes dou-radas.

Já no anno de quatrocentos se conheceo este titulo honroso, & appellido de Do a, como diz Panuino em Gauauto; & já o Patriarcha S. Bento em sua regra, ordenou, que os Frades novos chamassem aos Frades velhos por *Domnos*, & hoje vemos que os Abbades de S. Bento, & de S. Bernardo se chamão, & asseirão de Dom, em quanto são Abbades, & vulgarmente se diz o Dom Abbade de Pombiro, o Dom Abbade de Randufe; o Dom Abbade de Bouro, & tambem



O Evangelho

Um dia, disse Jesus aos seus discípulos: « Bem aventurados os olhos que vêem o que vós vêdes. Eu porém vos digo, que muitos profetas e reis quizeram ver o que vós vêdes, e não viram; ouvir o que ouvistes, e não ouviram. » Eis que um legista se levantou tentando-o, dizendo: Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna? E disse-lhe: « O que está escrito na lei? Como lêes tu? » Respondeu-lhe: « Diz: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de toda a tua mente, e ao teu próximo como a ti mesmo. » Jesus aprovou: Respondeste bem; faze assim e viverás. Mas pretendendo justificar-se, disse a Jesus o doutor da lei: « E quem é o meu próximo? O Salvador explicou então.

« Certo homem descia de Jerusaleem para Jericó, e caiu na mão de ladrões, que o espoliaram e feriram, deixando-o semi-morto. Succedeu então que certo sacerdote descia pelo mesmo caminho: e, vendo-o, continuou a andar. Do mesmo modo um levita, que chegou ao lugar, viu-o e passou alem. Certo Samaritano, porém, que jazia aquele caminho, veio junto dele, e foi tocado de misericórdia. E tomando-o lhe ligou as chagas, em que usou azeite e vinho: e colocando-o sobre um jumento o conduziu a uma hospedaria, onde curou dele. No dia seguinte tomou dois dinheiros e deu-os ao hospedeiro, dizendo: tem cuidado dele: e qualquer coisa que gastes eu t'o darei na volta.

Ora qual destes três te parece fôsse o próximo do que caiu nas mãos dos ladrões? o doutor respondeu: O que foi misericordioso com ele. Concluiu então Jesus: « Vai, e tu faze de modo semelhante ».

Caridade para com o próximo.

E quem é o meu próximo?

Entre os admiráveis e proveitosos ensinamentos resumidos no Evangelho de hoje, cristãos, acha-se um que, se é sempre verdadeiro e oportuníssimo, tem na actualidade um interesse de grande relevo: a caridade para com o próximo, de qualquer país e condição que seja.

Isto nos ensina Nosso Senhor Jesus Cristo, em resposta a uma pergunta que lhe dirigia um doutor da lei sobre o grande preceito da caridade, ou amor de Deus e do próximo: *E quem é o meu próximo?* perguntou-lhe o escriba.

Então o divino Mestre propôs a formosa parábola do Bom samaritano que vou explicar-vos brevemente, e deu a entender ao seu interlecutor que o próximo é todo o homem mortal, de qualquer povo e categoria que seja.

Esta doutrina, que não querem compreender hoje os povos e nações que se dizem inimigas, deve repetir-se a miúdo na sociedade moderna e reduzir-se melhor à prática, como vamos ver.

Afirmamos que temos de reconhecer todo o homem como nosso verdadeiro próximo.

Longe de responder com frases empoladas e definições incompreensíveis à pergunta do doutor da lei que desejava fosse bem definido o conceito de próximo, o divino Mestre respondeu com esta engenhosa e instrutiva parábola: *Certo homem descia de Jerusaleem para Jericó, e caiu na mão dos ladrões que o espoliaram e feriram, deixando-o meio morto. Aconteceu que descia pelo mesmo caminho um sacerdote (da lei antiga); mal o viu, e continuou a andar; igualmente um levita (ou*

ministro inferior), e passou adiante. Mas um certo samaritano, vendo-o, foi tocado de compaixão, aproximou-se-lhe, baniu-lhe as feridas com azeite e vinho, colocou-o em cima do seu cavallo, e levou-o a uma hospedaria, onde curou dele. No dia seguinte, deu dois dinheiros ao estalajadeiro, e recomendou-lhe que tivesse cuidado com o ferido, pois no regresso lhe daria o que gastasse. Qual destes três te parece que fosse o (verdadeiro) próximo do que caiu nas mãos dos ladrões? O que usou de misericórdia com ele, respondeu o doutor. Pois então vai, e faz outro tanto, concluiu Jesus.

Teem de se considerar aqui duas coisas: quem é o próximo e o que temos de ver nê-lo, e como havemos de tratá-lo.

I. — Chamemos próximo a qualquer homem, porque todos estão muito mais próximos de nós, por natureza, do que as pedras e os animais, de natureza muito diversa, afastados por isso de nós. Segundo o exemplo do Bom samaritano, temos de ver em cada homem não um inimigo nem um estranho, mas:

1. — Um irmão.

Sim um irmão, porque formamos todos uma família, cujo pai é Deus que nos criou. Por esta razão é que Jesus Cristo nos mandou que rezassemos a Deus, dizendo: *Padre Nosso que estais no céu.* Mas ainda mais: somos irmãos por nos haver redimido Jesus Cristo, e com a sua graça tornar-nos filhos de Deus, e como consequência mandar que nos chamássemos irmãos, e ele mesmo dizer-se nosso irmão (Mat., XXIII, 8; Hebr., II, 11). Assim no-lo repete na parábola do Bom samaritano, que sem cuidar da nação a que pertencia o ferido, tratou-o como a um irmão.

2. — Um herdeiro.

Se é filho de Deus, tem de ser herdeiro, diz o Apóstolo falando de todo o cristão (Rom., VIII, 17), e esta herança a que temos direito é nada menos que o reino dos céus. Portanto, não havemos de ver no próximo um estrangeiro, mas um cidadão do reino da glória, que por toda a eternidade será nosso companheiro, e talvez superior a nós na pátria feliz. *Já não sois hóspedes nem adventícios, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus* (Ephes., II, 19). Por este motivo é que não podemos chamar próximos e irmãos aos demónios e condenados, pois eles não são herdeiros nem capazes da Bem-aventurança.

3. — Um necessitado.

Mas enquanto não chegamos à pátria feliz, achamo-nos aqui muito necessitados de auxílios, e às vezes despojados da graça pelos ladrões infernais, maltratados e feridos na alma, como o homem da parábola do Evangelho o estava no corpo. O Senhor permite isto para que nos ajudemos uns aos outros e exerçamos a caridade como o bom samaritano.

Também não havemos de ver no próximo um pecador nem um inimigo, por muito mal que nos tivesse feito, mas um necessitado a quem podemos socorrer, para ambos ganharmos o céu: *Levai os fardos uns dos outros, e desta maneira cumprireis a lei de Cristo*, diz o Apóstolo (Galat., VI, 2). Nisto achareis um teozouro, como o encontrou o Bom Samaritano, de quem diz S. João Crisóstomo que não se deteve a examinar porque razão os outros não haviam socorrido o homem semi-morto, mas que o socorreu logo, como quem acha uma bolsa de dinheiro que outros abandonaram...

II. — Vejamos agora como se há-de manifestar a nossa caridade para com o próximo, a exemplo do samaritano do Evangelho.

1. — Com benefícios corporais,

Obras são amores, diz o adágio, e pouco valem as palavras quando se lhe não juntam as obras (I. Joan., III, 18). Apeou-se o samaritano, curou o ferido, pô-lo sobre o seu cavallo, levou-o à hospedaria, ensinando-nos

assim as obras de misericórdia corporais: E disse Jesus: *Faz de modo semelhante.* Praticais assim na medida das vossas forças?

2. — Com benefícios espirituais.

O facto de aplicar às chagas azeite e vinho, como fez o samaritano, representa, segundo S. Gregório Magno, a mistura da suavidade e da energia que são necessárias para curar as chagas da alma dos pecadores a quem temos de corrigir, avisar e aconselhar. Quer isto dizer que as obras de misericórdia espirituais se hão-de exercêr com os ignorantes e pecadores sempre com espírito de caridade verdadeira.

3. — Com orações.

E onde não cheguem as nossas forças, chegarão as nossas orações a Deus, e recomendações aos poderosos para alívio das misérias do próximo. Como o samaritano recomendou o ferido aos cuidados do dono da pousada, já que o enfermo não se podia valer a si mesmo, assim nós procederemos com os pecadores e pobres e enfermos...

Cristãos: Prouvera a Deus que reinasse hoje esta caridade no mundo! Depressa se remediariam e solucionariam os conflitos sociais. E' preciso vêr no próximo um irmão, um herdeiro do céu e um necessitado, E' preciso socorrê-lo com obras de misericórdia corporais e espirituais, e com orações e recomendações. *Vai, e faz de modo semelhante* (Luc., X, 37).

Evangelização da Oceania

Presisamente enquanto o mundo celebra o décimo-nono centenário da Redenção, comemora a Oceania o primeiro do seu ingresso no seio da Igreja Católica. De facto, em 1883, a S. C. da Propaganda dividia em duas a imensa Prefeitura Apostólica dos Mares do Sul, que se estendia de Madascar à Ilha de Páscoa, criada em 1930, em favor de Mons. de Solages, que pouco depois morria sem poder realizar os seus grandes designios missionários. Aos Padres de Picpus foi entregue o novo Vicariato da Oceania Oriental, saída da divisão que compreendia as Ilhas do Pacífico Oriental e da Páscoa às Ilhas Cook, deixando a Mons. de Solages, cuja morte ainda não era conhecida, o Pacífico Occidental, desde as Ilhas Cook à Nova Zelândia. Em 1836, os Padres Maristas sucediam a Mons. de Solages, e em 1833, os Padres de Picpus desembarcavam nas Ilhas Gambier. Logo a seguir, juntavam-se a estes ardorosos pioneiros os Missionários do S. Coração de Issoudun, de Verbo Divino e de Mill-Mill.

A imensa Prefeitura dos Mares do Sul está hoje dividida em 17 Vicariatos e uma Prefeitura Apostólica onde trabalham 498 missionários, 393 Irmãos leigos, 1.029 religiosas, 2.290 catequistas indígenas. A Oceania, sem contar a Austrália e a Nova Zelândia, conta 229.000 convertidos ao Catholicismo.

Calendário da Semana

AGOSTO

- 27 Domingo. S. José de Calasãncio, C. Piedade.
- 28 Segunda. S. Agostinho, B. C. D. Amor de Deus.
- 29 Terça. Degolação de S. João Bpt. Pureza.
- 30 Quarta. S. Rosa de Lima, V. Penitência.
- 31 Quinta. S. Raimundo Nonato, C., Esp. de fé.

Setembro

- 1 Sexta. S. Egidio, Ab. C. Desagravo.
- 2 Sabado. S. Estêvão, C. Prudência.

VARIEDADES

Mais de mil PP

Para proporcionar pueril passa-tempo a petizes pachorrentos.

(Continuado do número anterior)

— Preclaro pintor!... perdõ-me, porém, preciso preveni-lo, posto que possa precisar pecúlio—prata— para produzir prodígios pode pedir-me, pois pretendo prestar-lhe próprios préstimos pela piramidal porção de P P; portanto, prosterno-me penhoradíssimo pela protecção prometida, permanecendo pronto para prestar-vos proficiência plena, pericia patente, prática própria, privilégio particular. Poderia prolongar-me proporcionando prasenteiras provas preliminares. Paciencia! Preciso pôr pausa para poupar palavras. Perorarei no prologo.

Perdõ a pequena presente palestra parca de pieguice e pacholice.

Peço, pois, permissão para pôr ponto á pouca pluralidade dos P P.

Paraphrase.

Pessoas presupostas perspicazes, paradas a presenciarem a palestra, pediram, pós a partida do passageiro, proseguimento ao proémio, protestando-se prosélitas dos P P.

(Continúa no próximo numero)

Secção charadística

CHARADAS

EM VERSO

Por mais *cuidado* que tenha — 4
Em fazer uma charada,
Por mais que a mente detenha
Sei que sai mal acabada.

E não me admira nada
Que melhor eu não obtenha,
Mas, com tempo talvez venha
A fazer obra aseada.

E' questão de praticar,
A' cachola voltas dar.
Como faz *um* estudante. — 1

Aguardar a inspiração,
Que animando a dextra mão,
Não deixe a pena *exitante*.

Lebricho

EM FRASE

A *chuva* influe no que *praduz* a *propriedade* *rústica*. — 2 — 1

Meu *cunhado* não se dá com o *homem* da *vinha*. — 2 — 1

L. Fletor

SINCOPADA

(por sílabas)

3 — *Vagaroso pachorrento*,
O qu, importa em ser ronheiro;
Bastardo sendo, sustento:
Ser velhaco e ser *matreiro*. — 2

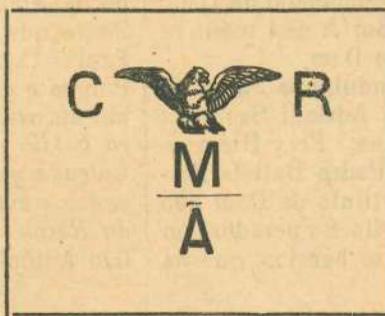
H. Rato

DIGRESSÃO GEOGRÁFICA

Vá depressa, Margarida,
Dê ao pé, ande ligeira.
— Cá por mim ninguém espera
No andar sou a primeira,

Madre Helena

ENIGMA TIPOGRAFICO



Lebricho

As decifrações dos trabalhos publicados no numero 33 são: Aquemeneres, Deipora, Paraiso, Albu-deca-albuca, Dissena-disna, Chiquita-chiquito, Carrasção, Vilar Formoso, Asophia e o touro é animal feroz.

Lebricho

Uma torre de 700 metros

Parece blague, mas não é.

Tenciona o govêrno francês fazer, na cidade de Paris, uma grande exposição internacional, em 1937, a qual deve marcar os progressos da industria, da agricultara e a arte.

No meio do grandioso certame, fará o govêrno francês erguer, uma gigantesca torre de 700 metros de altura, tôda construida em cimento.

A torre Eiffel que domina tôda a cidade de Paris, mede apenas 300 metros de altura, e recorda a exposição de 1900.

Está já esboçado o audacioso projecto, que é da autoria dos engenheiros *Pers e Hugues*, que pediram o parecer de outros técnicos.

Essa torre que deve custar uns 50 milhões de francos terá 500 metros de altura uma plataforma, acessivel a automóveis, outra 600 com garage para quinhentos carros, um reatante para 2 000 pessoas e um farol.

A 700 metros haverá galerias para curas de sol etc.

Essa torre, se viera construir-se será a oitava maravilha do mundo.

Propagação da Fé

As ofertas para a obra da Propaganda da Fé, durante o ano de 1932, não obstante a crise monetária mundial, sofreram uma diminuição bastante ligeira, como se vê pelos elementos, não ainda definitivos, comunicados ao Conselho Superior reunido últimamente e recebido em audiência pelo Santo Padre. Em comovidas palavras exprimiu S. Santidade a sua satisfação por ver mantidas em tam grande altura, não obstante as tristezas do tempo corrente, as esmolas para as Missões Católicas.

Em algumas nações, especialmente nos Estados Unidos, as ofertas diminuiram notavelmente; noutras, ao invés, aumentaram, de modo que o balanço geral apenas acusa uma pequena diminuição. Quanto à Europa, aumentaram nos países seguintes: Itália, França, Inglaterra, Espanha, Suíssa, Holanda e Portugal; a Austria, a Alemanha, Luxemburgo e Escócia mantiveram as posições de 1931; rsgista-se sensível diminuição na Bélgica, Irlanda, Malta, Polónia, Ungria e Jugoslávia.

Quanto à America houve diminuição nos Estados Unidos, Argentina, Canadá, Colómbia, Antilhas e Perú; houve aumento no Chile, Costa-Rica, México, Panamá e Venezuela.

Emfim, nos países de missão, registam-se, de modo geral, cifras superiores às de 1931. A Obra Pontifical de S. Pedro Apóstolo

A universalidade da Igreja

A recente Consagração, a que o Papa quiz presidir pessoalmente na Basílica Vaticana, de cinco Bispos asiáticos, três chineses, um anamita e um indio, mostra uma vez mais o interesse, que o grande Papa das Missões tem pela formação do Clero indígena.

Foi em 28 de Outubro de 1926 que Pio XI congregou os seis primeiros Bispos chineses e em 30 de Outubro do mesmo ano, um japonês.

Com a consagração recente dos 5 Prelados indígenas, vinte por cento dos católicos da Asia ficam sujeitas á directa jurisdição episcopal, com dioceses em forma, e os 80 por cento restantes com clero indígena, das suas respectivas raças, são governados por Vigários Apostólicos.

São curiosas ainda as informações seguintes:

Na India há já 2000 Padres indígena e 1500 estrangeiros. Trinta por cento dos 3 milhões de católicos indianos estão sob a jurisdição dos Bispos indianos.

Na Indochina já há 1500 sacerdotes indígenas e 800.000 fiéis. São quasi todos de raça anamita.

A China conta 1420 Padres indígenas e 1980 estrangeiros; 450.000 católicos chineses vivem sob a jurisdição dos Bispos da sua raça.

O Japão, com 62 Padres indígenas e 222 estrangeiros, tem apenas um Bispo indígena, o de Nagazaqui.

Na Coreia, ao lado de 81 missionários estrangeiros, há já 64 Padres coreanos que se ocupam de 40.000 católicos indígenas.

E' a universalidade da Igreja a manifestar-se na extensão cada vez maior do clero indígena,

Se não se tomarem providências...

Num artigo há dias publicado num jornal de Lisboa sobre a gravidade da crise vincola que se desenha no próximo ano, lê-se que «só em volta do Porto a produção do americano está calculada em trinta mil pipas».

Juntem a esta quantia o americano produzido nos concelhos de Barcelos e Espozende, em que desde larga data se tem usado e abusado do americano, e calcule-se a inundação que o americano vai causar no Minho, ao realizar-se a colheita próxima.

A lei ordena que o americano se possa cultivar apenas para uso próprio do seu proprietário, sendo proibida a venda, mas não falta quem, como o senhor administrador da Póvoa do Varzim se coloque acima da lei, como não faltou quem na colheita última procurasse tôdas as facilidades e privilégios para a venda do americano, não se importando que por isso tivessem de ficar sem venda mais algumas pipas de autentico vinho verde.

Se não se arrepiam caminho e a lei se não cumpre, não tardaremos em ser todos vítimas desta mixórdia na produção, tão nefasta como a mixórdia na venda e consumo.

E' indispensável dar guerra sem tréguas às duas espécies de mixórdias e que o Minho, defendendo-se, desmascare todos os que as protegem, encobrem ou auxiliam.

em favor do Clero Indígena recolheu ofertas iguais às do ano transato.

Deve-se, porém, ter em conta que as flutuações dos câmbios podem modificar notavelmente os resultados previstos.—(Ag. Fides)

vemos, que neste Reyno todos os Frades Cruzeiros (que são Conegos Regulares de S. Agostinho que são de Missa, se chamam de Dom; & assi dizemos Dom Theotónio, Dom Leonardo; & assi todos os Frades Cartuxos, que são de Missa, se chamão de Dom.

Deste appellido, & título, de Dom fallou Landulphus Sagax in historis miscellaneis; Auasthasius Bibliothecarius Adriani Secundi; Petrus Gregorius de republ. lib. 6. cap. 13. in fine; Frey Hieronymo Romau lib. 4. de sua rep. Gentil. cap. 4. o Padre Batista Frago de regimine Principis Christiani lib. 1. O titulo de Dom não he estimado no homem salvo se lhe foy dado pello Emperador, ou Rey, ou por outro, que o podese dar, por feyto heroico, que na guerra fizesse.

Assi o diz Romau loco sufragitudo.

Algumas geraçoens ha, q. sendo muito illustres não poem, nem se assinaõ de Dom, como os Mellos.

Nutras muito illustres poem, & assinanse de Dom, como são Meneses, & dizem como em proverbio, Mellos sem Dom, Meneses com Dom.

O primeiro, que nas Espanhas teve este nobre appellido, & honrado ttulo de Dom foy o Pelayo primeiro restaurador de Espanha.

Este titulo de Dom assenta bem em homem fidalgo, rico; porque selhe fidalgo, & não rico, he Dom pedinte, por isso disse Roman alegado.

To pienso, que vendra tiempo, en que el ayre tome Dom, y que de Dom ayre, pero siempre prevalecerá el alpo Dom.

Assi como os homens se chamãm com titulo, & appellido de de Donna.

E escrevese Domna, ou Donna, porque de ambos os modos se acha escrito, no Jatim he, *Domnus*, i, o Dom de fidalgos, como diz Barbosa no seu Vocabulario Lusitanico Latino, fol. 410. & da mulher, *Domna*, & he este titulo deminuto de *Dominus*, & de, *Domina*, porque o inteiro dominio he de Deos. O que suposto.

Peaguntase se tem Dom o Prior de Barcellos, por rezão da dignidade, assi como o tem o Dom Prior de Tomar, de Aviz, de Palmella?

Respondo que não, & assi me responderão algumas pessoas, a que perguntei, mas, supposto que não tem Dom por respeito da dignidade, tem Dom por cortezia dos Escrivães, os quaes muitas vezes por cortezia dão titulos, que não ha.

Ordinariamente em autos, & notas, fallandose de qualquer mulher veuva nobre, & honrada, sempre dizem, Fulana Donna veuva, & c. dando Dom, quem o não tem, mas usando deste modo politico, & urbano.

Podese ver Frey Luis de Sousa, na Dhronica de Sam Domingos livro I. fol. 49. aonde assinandose muitos em certa escritura, & todos com Dom, diz, que nem todos deviao ter Dom em rezão de seu officio, mas que o taballião o deu por urbanidade.

Ponho outro exemplo nas Vilas notaveis.

Poucas são as Villas notaveis neste Reyno, & rara he a Villa que notavel não seja chamada por urbanidade de taballiães em notas e autos.

Das villas notaveis destp Reyno falla a Ordenação velha no livro I. tit. 2. §. 22. & Barbosa in remiss. ad Ordinationes lib. 5. tit. 49. ad §. 2.º & só contava a Ordenação velha por notaveis a Santarem, Leiria, Olivença, & Guimarães, & sendo tão poucas Villas notaveis, rara he a Villa, que taballiães, & escriptores em suas notas, & autos não fação notaveis.

O mesmo passa no titulo de Dom.

Fra Casil

CURIOSIDADES

A IGREJA E TORRE DOS CLERIGOS DO PORTO

A igreja dos clérigos foi mandada edificar em 1732, cujo plano fôra aprovado em 1731.

A primeira pedra foi lançada em 2 de junho de 1732.

O templo ficou concluído em 1749 e a torre quatorze anos depois ou seja em 1763.

* * *

O architecto d'estas construcções foi o italiano Nicolau Nazoni, o qual faleceu no Porto dez anos depois, ou seja a 1773, sendo sepultado conforme seus desejos na capela subterranea que fica voltada para a Rua dos Clerigos ou no carneiro principal que fica de baixo da Capela mór (1)

* * *

Esta edificação foi feita sob a protecção do nome de N.ª S.ª da Assunção tirado à sorte entre os de N.ª S.ª do Socorro e N.ª S.ª das Necessidades.

Em 1682 os capelães do côo da Misericórdia do Porto reunindo os elementos dispersos das irmandades de S. Filipe Nery e S. Pedro que em 1665 fizeram sahir do Collegio dos Orfãos para a dos Padres Congregados, resolveu am fundar a irmandade dos Clerigos Pobres e *quarenta e nove anos depois* (1731) tinham o plano do templo aprovado, cuja construção foi em terreno do municipio (*uma terra baldia onde chamavam a Cruz de Cassoa, que ficava do cimo da Calçada que vai da Fonte da Arca até ao principio do Adro das Oliveiras e entre este e o muro da cerca do Real Recolhimento do Anjo da Rainha Santa Izabel*), cuja escriptura foi feita nas notas do tabellião António Mendes de Matos.

* * *

A igreja foi sagrada pelo Bispo D. Frei João Rafael de Mendonça, venerando prelado da diocese do Porto.

* * *

A torre tem 240 degraus e 70 metros de altura.

* * *

Os sinos pezam cêrca de oito mil kilos.

* * *

«He este hum dos maiores obeliscos, que se vê dez legoas ao mar, e que serve igualmente de Balisa ou Marca para se dirigirem por ellas todas as embarcações que entrão na barra do Rio Douro»

(—Descrição topografica e historica da cidade do Porto, por P.e Agostinho Rebelo da Costa—)

* * *

Nicolau Nazoni casou com Antónia Mascarenhas Malafaia e deixou ficar uma filha de nome Margarida Mascarenhas Malafaia Mazoni.

* * *

Copia da certidão d'obito de Nicolau Nazoni: =

«Nicolau Nazoni, viuvo que ficou de Antónia Mascarenhas Malafaia, já defuncta, morador na viela do Mendes, rua do Paraiso d'esta frèguesia de Santo Ildefonso, do Porto, faleceu com todos os Sacramentos em os trinta dias do mês de Agosto do anno de 1773 annos, fez testamento, ficou testamenteira sua filha Margarida, solteira moradora na dita rua e casa e foi sepultado na Igreja dos Clerigos pobres da sua irmandade desta frèguesia de Santo Ildefonso, de que fiz este assumpto que assignei dia, mez e anno era ut supra. Declaro que o dito defuncto acima Nicolau Nazoni é italiano de nação, do Gran-Ducado de Toscana.—O Coadjutor (a) Luiz António dos Santos.»

Fra Casil

(1) Carte de 22-5.º-901 do P.e Francisco José Patricio-Vidé «Dicionario Historico o Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portugueses ou a serviço de Portugal»—Sousa Viterbo— Vol. III.

Após um ano

E' ardua a tarefa do jornalista e por vezes bem ingrata, mas nenhum motivo nos obrigaria a suspender provisoriamente o nosso pequeno semanário, «Ecos da Franqueira», se não fosse a ausência do seu actual Director, Rev. José António Aires.

Torna-se necessária uma nova Direcção e Redacção que de futuro, será em Barcelos e não em Carvalho.

A todos os assinantes que, com palavras amigas, nos têm alentado, a continuar a publicação do jornal, os nossos agradecimentos.

E' justo salientar d'entre os assinantes o nosso amigo e prestante colaborador, Ex.º Sr. Tenente Francisco Cardoso e Silva, cujo patriotismo e bairrismo indiscutível, se revela bem nos artigos publicados neste jornal sobre a Franqueira e Castelo de Faria; é pena que nem todos lhe façam a justiça que merece, mas quem como ele, tem repartido os trabalhos deste jornal, avalia bem o seu talento e erudição e devotado amor à sua terra, pelo progresso da qual, não recua por maiores que sejam os sacrificios com que tenha de arrostar.

Mencionamos tambem o nosso amigo, Manuel Francisco Alves, de Carvalho, que sempre amparou o nosso jornal, e por ele muito se sacrificou, a ponto de ser mal compreendido e julgado por alguns de seus conterrâneos.

Devoto de Nossa Senhora da Franqueira, de cuja Comissão Administrativa é digno membro, encontramos-lo sempre na primeira linha, quando se tornar necessário trabalhos e sacrificios.

A estes dois sinceros e bons amigos, a nossa perene gratidão.

A REDACÇÃO.